



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

NANOCONTO: UM GÊNERO NOVO EM ANÁLISE

NANOSTORY: A NEW GENDER IN ANALYSIS

Daniel Arena Ermínio da Silva¹
José Jacinto dos Santos Filho²

RESUMO: O ciberespaço e suas incontáveis possibilidades discursivas agem sobre o homem que, ao considerar seus propósitos comunicativos e suportes textuais, modifica, transporta determinados gêneros impresso ou falado para o ciberespaço. E é sob tal premissa que analisamos seis nanocontos, de autores distintos, coletados em ciberespaço, e refletimos sobre o que lhes fazem singulares em relação aos seus gêneros de base/origem, conto e miniconto. Para tanto, apoiamos-nos em Bezerra (2011), Marcuschi (2003), Maingueneau (2011), Lagmanovich (2009) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Nanoconto. Suporte. Propósitos comunicativos. Gênero. Texto literário.

ABSTRACT: Cyberspace and its countless discursive possibilities act on the man who, when considering his communicative purposes and textual supports, modify, transport certain printed or spoken genres to cyberspace. And it is under this premise that we analyzed six nanostory, from different authors, collected in cyberspace, reflect on what makes them unique in relation to their base / origin genres, short story and mini-story. For that, we rely on Bezerra (2011), Marcuschi (2003), Maingueneau (2011), Lagmanovich (2009) and others.

KEYWORDS: Nanostory. Support. Communicative purposes. Genre. Literary text.

Considerações iniciais

Fato incontestável é o contínuo surgimento de novos gêneros textuais, seja por vias de inovação ou mutação/acomodação de tradicionais gêneros a propósitos comunicativos e suportes textuais. O ciberespaço e sua capacidade de coexistência de várias semioses têm se mostrado um efervescente celeiro de produções textuais. Dentre tantas, destacamos neste trabalho a de narrativa curta. Embora uma expressiva parte das pesquisas em análise de gêneros, nos últimos tempos, tenha se debruçado sobre os estudos do conto, percebemos que é dada maior ênfase ao tradicional, de

¹ Professor de português básico, jurídico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Cabo de Santo Agostinho PE, Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco e Secretaria Municipal de Educação do Município do Cabo de Santo Agostinho - PE. Mestre pelo PROFLETRAS na Universidade de Pernambuco - Mata Norte. Email: daniel.arena@upe.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4929-4164>

² Professor adjunto da Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte (UPE). E-mail: jacinto.santos@upe.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1197-1924>



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

caráter impresso, ou ainda às mini, micro e nanonarrativas, que mesmo analisadas em ambiente virtual, não têm recebido a devida categorização. Pois ainda há, pensamos, o desconhecimento, por parte de alguns pesquisadores, da influência dos propósitos comunicativos, como é bem postulado por Swales (1990) e Bhatia (1993), e do suporte textual, como é observado por Marcuschi (2003), na formação constitutiva do gênero.

Diante disso, nosso objetivo neste artigo é, através da análise de seis nanocontos, de autores distintos, coletados em seu “nascidoiro”, o ciberespaço, refletir sobre o que atesta sua singularidade em relação a seus gêneros de base/origem, conto e miniconto. Para tanto, refletiremos sobre as influências dos propósitos comunicativos e suportes textuais na constituição do gênero nanoconto, à luz dos postulados de Bezerra (2011), e Lagmanovich (2009), a bem de apresentar possíveis contribuições ao entendimento e compreensão desse, que é um gênero relativamente recente.

1. Propósitos comunicativos e suporte, algumas considerações

O gênero conto, assim como outros, tem sofrido modificações ao longo dos anos Fenômeno que pode ser bem entendido a partir da ideia de “relativa estabilidade” postulada por Bakhtin (1997), bem como através da noção de prototipicidade proposta por Swales (1990, p. 49) ao constatar que um gênero deve ser classificado ao ter os traços que foram especificados em sua definição, isto é, para se classificar uma amostra textual como pertencente a determinado gênero, pode-se recorrer a critérios que o classificam como tal ou recorre-se à classificação feita por semelhança. E, nessa mesma perspectiva, Bhatia (apud BEZERRA, 2011, p. 124) considera que o gênero, tanto em sua natureza quanto em sua constituição, “é caracterizado essencialmente pelo(s) propósito(s) comunicativo(s) que pretende realizar”, mesmo que sofra influência de outros fatores, como conteúdo, forma, audiência, meio ou canal. Acerca disso, Bezerra (2011, p. 124) pondera que a aproximação entre gênero e propósito comunicativo é, de maneira tal, tão central que se pode considerar o gênero como “um exemplo da realização bem-sucedida de um determinado propósito comunicativo, utilizando o conhecimento convencionado de recursos linguísticos e discursivos” (BHATIA, apud BEZERRA, 2011, p. 124,125). O que nos impele a defender que mudanças nos



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

propósitos comunicativos e no suporte, como as que acontecem no processo enunciativo/composicional de gêneros digitais, e tomemos por exemplo o nanoconto, que resultam na criação de gêneros outros e que diferem daqueles dos quais são oriundos.

Ao refletirmos sobre suporte textual, evocamos o postulado de Marcuschi (2003, p. 11), referência indispensável nessa questão, que relaciona a noção de suporte à ideia de “portador do texto”, de “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” e como tal deve ser visto com seriedade devido a sua importância para o gênero. Ao perceber isso, Maingueneau (2011) assegura que uma modificação no suporte textual modifica radicalmente um gênero. A bem de esclarecer tal afirmativa, o referido autor faz uso da seguinte comparação: “um debate político pela televisão é um gênero de discurso totalmente diferente de um debate em uma sala para um público exclusivamente formado pelos ouvintes presentes”, (2011, p. 68), pois o que é chamado de texto, não é tão somente um conteúdo a ser transmitido por um ou por outro veículo, isso por considerarmos que o texto é um elemento constitutivo “inseparável de seu modo de *suporte/transporte* e de *estocagem*, logo, de memorização” (2011, p. 68). Portanto, quando um gênero é suportado/veiculado por um suporte diferente daquele que, convencionalmente, o veicula, passa a ter características que lhes são impostas pelo suporte.

Em consonância com Maingueneau, Chartier (2002) postula que tradicionalmente, na cultura impressa, a ordem discursiva é estabelecida a partir da relação entre tipos de objetos (os suportes), as categorias de texto (os gêneros) e as formas de leitura. E tal ordem tem sofrido profundas transformações por vias da “textualidade eletrônica”, pois a diversidade de textos que tradicionalmente era apresentada ao leitor a partir de vários suportes distintos, é a ele oferecida a partir de um único suporte, a tela de um dispositivo eletrônico. Uma revolução, ao mesmo tempo, técnica de produção escrita, percepção das “entidades textuais” e estruturas e formas dos suportes da cultura escrita. Isso levou Chartier a afirmar que:

Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. O “mesmo” texto, fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua comunicação. (2002, p. 61, 62).



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

E a nós a ponderarmos, que o nanoconto não poderia ser confundido com o microconto ou microrrelato, pois esses gêneros têm em sua origem constitutiva um suporte diferente da tela de um dispositivo eletrônico. Esse suporte tem conferido ao nanoconto características constitutivas que o particularizam.

Não só Chartier (2002) tem postulado que as tecnologias digitais têm modificado a vida humana, esse é um fenômeno notório em todas as áreas. Mas como ponto de interesse, tomemos a interação pela linguagem, dentre tantas áreas que, indiscutivelmente, têm sofrido e sofrerão a influência de tais tecnologias, pois em seu processo, um turbilhão de informações, conhecimentos, linguagens, semioses e intersemioses envolvem o indivíduo, de maneira tal, que esse passa a influenciar as formas de agir de se comunicar. Quanto à língua, um considerável número de palavras, que têm suas origens nas tecnologias digitais, passam a fazer parte do nosso léxico. A internet tem assumido significativa participação nesse fenômeno linguístico.

2. Nanoconto – da origem do termo ao ciberespaço

Para continuar a discussão em âmbito lexical, o prefixo nano- tem sido veiculado no ciberespaço, ao ponto de se tornar constituinte de termos como nano tecnologia, nanociência, nanopartícula, nanoconto, dentre tantos, formando um considerável volume de ocorrências de termos. Ao considerar a marcante ocorrência do prefixo, Kasama; Almeida e Zavaglia (2008), no *corpus* do projeto NanoTerm, fazem um levantamento, a partir do software Unitex³, em busca de itens lexicais iniciados por esse prefixo, bem como o contexto de uso. Os autores chegam a resultados que evidenciam a prefixação em nano-, com maior frequência como quantificação⁴, o que referencia a escala nanométrica (inferior à bilionésima parte do metro). Mas, asseguram os autores que, outros empregos foram identificados para o prefixo nano-, como no caso do termo

³ Unitex é um sistema de processamento de *corpus* que tem como base a tecnologia autômato-orientada. Esse software foi criado no LADL (Laboratoire d'Automatique Documentaire et Linguistique), dirigido por Maurice Gross. Através do Unitex, é possível se fazer análises nos níveis morfológico, léxico e sintático.

⁴ Quantificação, intensificação e avaliação compõem um dos três eixos semânticos organizadores de prefixação, de acordo com Correia & Lemos (2005, p. 31).



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

nanocormia, que não remete à escala nanométrica, mas sim à “anomalia de desenvolvimento caracterizada por *pequenez* anormal do tronco humano”.

Portanto, ao nos depararmos com as expressões nanoconto, usada pelo escritor Edson Rossatto (em @cemtoque – Twitter) e contos nanicos, usada pelo, também, escritor Marcelino Freire (em @MarcelinoFreire – Twitter), encontramos, no até então aqui apresentado, subsídio empírico para tais construções lexicais.

Outros escritores brasileiros, além de Freire e Rossatto, têm utilizado dos recursos oferecidos por *microblogs* em rede, como o Twitter, para criarem pequenas narrativas, que nomeamos nanocontos, não só pelo que já foi postulado, mas por características impostas a esse gênero, devido aos propósitos comunicativos e suporte, nesse caso, o *microblog* Twitter, como será visto nos parágrafos que seguem.

Daremos ênfase ao *microblog* Twitter, pois nesse encontra-se um grande número de criações, postagens e compartilhamento do gênero em tela, o que deu origem a uma literatura com características bem próprias do *microblog*, que recebeu a nomenclatura de *Twitteratura*.

É relevante destacar que um aplicativo de rede, como o Twitter, só existe em função dos usuários que estabelecem conexões dialógicas, nesse caso os *twitteiros*, conseqüentemente, a *Twitteratura* só existe em função da interação entre usuários escritores e leitores. Logo, é possível afirmar que os propósitos comunicativos dos gêneros impressos não são inteiramente os mesmos de escritores e leitores de gêneros digitais, neste estudo, nanocontos. Uma das certezas, que tinha o escritor de impressos, em um passado não tão distante, era a de que seria muito difícil, senão impossível, estabelecer contato direto ou imediato com o leitor de seus textos. Já a relação escritor/leitor, no ciberespaço, por intermédio dos *microblogs*, pode ser até imediata, instantânea. E isso foi o que afirmou o escritor Samir Mesquita, em entrevista concedida ao programa Entrelinhas⁵, ao discorrer que o Twitter tem aproximado os escritores de seus leitores e estimulado o diálogo entre eles. O leitor pode seguir o escritor e descobrir suas preferências, curiosidades a seu respeito, podendo, também, comunicar-se com ele por meio de mensagens diretas ou de menções.

⁵ **Entrelinhas** foi um [programa de televisão](#) exibido pela [TV Cultura](#), de 2005 a março de 2012, e apresentado pela atriz [Paula Picarelli](#). Posteriormente foi um quadro do programa [Metrópolis](#), com Manuel da Costa Pinto, jornalista e crítico literário, como responsável.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

O bastante a eles é seguir um escritor e/ou seus textos, para que possam ter automaticamente acesso, à medida que os textos forem publicados, a partir de seu histórico. Assim, o escritor tem a certeza de que poderá ser inquerido em diálogo a discutir sobre seu texto, o que pode interferir no processo enunciativo de suas composições textuais e, consecutivamente, nos propósitos comunicativos do gênero.

Nesse ensejo, algo a ser destacado é que, algumas vezes, na literatura produzida no Twitter, não há distinção entre escritor e leitor, podendo-se exercer, simultaneamente, os dois papéis, ao publicar textos de autoria própria e, também, ler os de outros usuários.

Desse modo, há de se constatar que o processo de recepção do texto literário também sofre modificações, pois é bem aqui, na recepção do texto, por parte do leitor, que é possível, inicialmente identificar o fulcro das teses de Jauss (1976), o leitor como partícipe no processo “semântico-enunciativo”, pois o leitor não apenas dialoga com o texto, sente-se e se põe como interlocutor ativo, o que oportunizar a possibilidade de criação. Para melhor discorrer sobre essa particularidade do nanoconto, dedicamos os próximos parágrafos a reflexões a cerca dele.

3. Microconto/microrrelato e nanoconto – ponderações acerca dos gêneros

Há de se observar a aproximação do nanoconto com o microconto, ou microrrelato como é bem conhecido na Espanha e em países hispânicos (que já apresentam uma consistente tradição, mesmo que “curta”, nesse gênero), que apresenta, como conceitua Lagmanovich (2014, p. 28), vários aspectos em sua caracterização, mas como obrigatórios estes: “Brevidade, narratividade, ficcionalidade: uma tríade que contém as características fundamentais do microrrelato.”. A brevidade está ligada ao volume gráfico do texto, que pode variar,

em direção descendente, da página ou página e meia (“La migala” de Arreola, “Os dois reis e os dois labirintos” de Borges, “Continuidade dos parques” de Cortázar) a uma linha (“O dinossauro” de Monterroso, “O homem invisível” de Jiménez Emán ou alguns textos semelhantes de Isidoro Blaisten). Ou seja: a brevidade existe, mas varia. Isso é devido a razões que, não menos que a tarefa do escritor, respondem às relações estabelecidas entre ele e a comunidade de seus leitores. Estes podem preferir, a qualquer momento, um texto entre os três primeiros que citei ou seu análogo; em outra ocasião, um texto entre os dois últimos, ou semelhante a eles. Ou seja, o gosto do leitor oscilará entre o que chamamos de “breve” e o que



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

podemos chamar de "hiperbreve"; mas em ambos os casos ele reconhecerá, como um valor positivo, a escritura pública (como brilhantemente definida por Ottmar Ette em seu livro intitulado *Do macrocosmo à micro-história*). (LAGMANOVICH, 2014, p. 28).

É de relevante significância, ressaltar a importância do leitor que, a depender de sua preferência, pode optar por um texto “breve” ou “hiperbreve”, o que repercutirá no processo enunciativo do texto. O que, mais uma vez, evidencia os papéis fundamentais dos propósitos comunicativos e suporte do gênero em sua constituição e, consecutivamente, categorização. Pois tanto o leitor, quanto o que determina o *microblog*, influenciarão o escritor quando no processo enunciativo do texto. Quanto à narratividade, Lagmanovich declara que todo microrrelato digno de receber esse nome apresenta acontecimentos dentro de um intervalo de tempo, por mais sucinto que possa parecer. No tocante à ficcionalidade, postula que “a redação de um microrrelato envolve a criação de uma obra de ficção, a construção verbal de um escritor em particular e que ninguém poderia ter escrito exceto ele” (LAGMANOVICH, 2014, p. 28), imprimindo no seu valor estético uma justificativa para a sua existência.

Ainda segundo Lagmanovich, existem outros fatores que podem ser importantes para a caracterização de um microrrelato, mas em caráter opcional: “poluição genérica, atitude paródica, humor, fantasias de um mundo futuro, contato com tecnologias da informação e com outras novas tecnologias” (2014, p. 28). Pois bem, seria então o “microrrelato” com adicionais, caso esse tivesse como essencial em sua constituição o contato com as tecnologias da informação, por exemplo? Ou seria esse contato um fator de extrema relevância em sua caracterização, ao considerar que há “microrrelatos” que só passaram a existir devido à tecnologia digital?

Quanto a esse aspecto, empenhamo-nos para postular que além das características apresentadas por Lagmanovich para o “microrrelato”, ou microconto (brevidade, narratividade, ficcionalidade), o nanoconto, ou seja, narrativas breves nascidas/criadas e veiculadas em ambiente digital - quer via aplicativo, software ou diretamente em *microblogs*, na web – é constituído por velocidade e interatividade na recepção por parte do leitor, bem como, densidade e concisão capazes de levar o leitor ao complemento de sentido sugerido no texto, como tem assegurado Delafosse (2013, p. 77):



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

A brevidade, velocidade e interatividade que caracterizam a rede de microblogging são combinados com seus requisitos formais para fornecer um quadro bem quisto à prática de microrrelato. Garantia de hiperbrevidade, o limite de 140 caracteres para cada tweet [postagem, no microblog Twitter], favorece a densidade e concisão que levam o leitor a completar significados mal esboçados.

Tem nos inquietado, em meio a pesquisas, o fato de encontrarmos declarações como esta, de Dias, *et al* (2012, p.81):

Além de miniconto e nanoconto, esse gênero recebe outras denominações, tais como: microconto, microrrelato e conto brevíssimo. Todas essas nos remetem a produções pequenas, que interpelam movimentos de leitura direcionados, mais fluidos, dinâmicos e que requerem letramentos diferenciados de seus interlocutores.

É certo que as características apresentadas pelos autores acerca dos gêneros, promovem a aproximação entre eles. Mas quando nos deparamos com considerações, como as até então aqui apresentadas, acerca de propósitos comunicativos e suporte, a inquietação toma fôlego e dá motivos para pesquisa.

Desse modo, há de se constatar que o processo de recepção do texto literário também sofre modificações, pois é bem aqui, na recepção do texto, por parte do leitor, que é possível, inicialmente identificar o fulcro das teses de Jauss (1976), o leitor como partícipe no processo “semântico-enunciativo”, pois o leitor não apenas dialoga com o texto, sente-se e se põe como interlocutor ativo, o que lhe oportuniza a possibilidade de criação. Para melhor discorrer sobre essa particularidade do nanoconto, conceituaremos sobre as ideias de Jauss no tópico que segue.

3.1 Estética da recepção e o nanoconto

Para Jauss, o leitor é o fator que garante a historicidade dada obra literária. Pelo fato de o leitor sempre “consumir” criações artísticas não só do tempo presente, pois essas criações, permanentemente, se atualizam. Como pontua Jauss, uma obra “só se converte em acontecimento literário para seu leitor” (JAUSS, 1976, p. 178), dessa forma, podemos afirmar que é esse sujeito que dá crédito e valida o processo literário, em sua continuidade.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

Jauss considera o estabelecimento de uma relação dialógica entre a obra e o leitor. E tal relação não é fixa, pois, de um lado, as leituras vão, a cada época, se diferenciando e, de outro, o leitor interage com a obra por intermédio de suas experiências anteriores adquiridas, ou seja, o leitor leva consigo um arcabouço cultural que interfere na recepção de uma composição literária. Assim, ao se deparar com um nanoconto, o leitor, independentemente de sua formação, leva consigo uma história de leituras que foi construída por meio de sua relação com a literatura.

Podemos notar que duas histórias são confrontadas a partir do diálogo entre a obra e o leitor, sendo estabelecida uma troca, na qual o leitor incorpora a leitura do nanoconto, com todos os elementos que ele traz consigo, à sua própria história; *o nanoconto*, agrega a sua identidade de obra literária a leitura desse leitor, que decodifica, subjetivamente, o texto a partir de suas experiências.

Não há como um leitor ficar imune às obras com as quais tem contato; essas obras, por sua vez, não se mostram indiferentes às leituras por elas desencadeadas. Assim, há de se considerar que, para Jauss, o leitor é, constitutivamente, um fator ativo, capaz de interferir no processo de circulação social da literatura. Mas a ação desempenhada pelo leitor não é egocêntrica e nem há o desenvolvimento de uma ação absolutamente singular, a partir de cada leitor. Para Jauss, cada época ou sociedade constitui horizontes de expectativa a partir dos quais as obras se situam. Tais expectativas se originam de uma “compreensão prévia do gênero, da forma e da temática das obras anteriormente conhecidas e da oposição entre linguagem poética e linguagem prática” (JAUSS, 1976, p. 169).

Assim, quando uma obra surge, não cai em um vazio. Quando é publicada, depara-se com códigos que há muito estão em vigor, paradigmas sociais e estéticos, modos comunicativos que são considerados populares ou cultos, bem como ideologias dominantes e preconceitos. E esses designam o “saber prévio” do sujeito leitor (JAUSS, 1976, p.170), que condiciona a recepção do texto em dada época ou no interior de dado grupo social. O “saber prévio” é coletivo e acaba por incidir sobre as possibilidades de leitura de uma obra, o que sugere um leitor de atuação coesa. Para Jauss, o leitor é um fator indispensável no sistema literário, o que determina os modos de acolhimento, valorização e circulação de uma obra. A ação desse sujeito corresponde aos efeitos de um comportamento comum a indivíduos de um dado grupo. Por isso, tais efeitos podem ser estabelecidos e estudados.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

Ao considerar o horizonte de recepção de uma obra, podemos dizer que essa se destaca quando se distancia de tal marco, pois, se assim não o fizesse, provavelmente, nem seria notada. Toda obra busca se destacar em meio ao universo para o qual se mostra, destaque esse que é evidenciado a partir do momento em que rompe com os códigos e paradigmas predominantes. O que Jauss denomina *distância estética*, uma lacuna entre o que se espera e o que se realiza.

É sob esse aspecto que o nanoconto apresenta o que Jauss designa como *distância estética*, haja vista que um intervalo considerável é assumido entre o que o escritor faz e seus conterrâneos pensam, de um lado, e sua própria obra, de outro. Por isso, mostra-se emancipatória, pois expõe uma realidade tal como a conhecemos, com seus valores e preconceitos, para que pensemos que ela não deve ser assim. E, no tocante a isso, postula Jauss:

A experiência da leitura pode liberá-lo [o leitor] de adaptações, prejuízos e constrangimentos de sua vida prática, obrigando-o a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativas da literatura distingue-se do horizonte de expectativas da vida prática histórica, porque não só conserva experiências passadas, mas também antecipa a possibilidade irrealizada, alarga o campo limitado do comportamento social a novos desejos, aspirações e objetivos e com isso abre caminho à experiência futura. (JAUSS, 1976, p. 204-205).

Pelo fato de, por natureza, a literatura ser emancipatória, ela pode colaborar para que o leitor consiga se liberar de seus prejulgamentos e limitações. De maneira que, uma composição inovadora pode contrariar expectativas do leitor, quando essas estiverem vinculadas a preconceitos e valores a serem transpostos. Porém, o envolvimento por meio da leitura conduz o sujeito leitor a participação do projeto catártico da obra, conforme Jauss (1978). O leitor, portanto, configura-se como parceiro do texto, fazendo assim com que o processo dialógico que fundamenta a leitura se concretize.

É do leitor, e de sua ação, que depende a concretização do projeto emancipatório que justifica a existência de uma criação literária.

4. Procedimentos Metodológicos

O presente estudo integra um projeto de pesquisa com um *corpus* de análise em levantamento, pois o referido instrumento tem como objetivo o trabalho com o gênero nanoconto em uma sala de aula de nono ano do Ensino Fundamental. Pois busca maior envolvimento dos alunos participantes



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

no processo de leitura e escrita de textos tipologicamente narrativos, haja vista que, nesses eixos, o público-alvo tem apresentado resultado insatisfatório para o período escolar no qual está inserido.

Dentre os vários meios de circulação do nanoconto, no ciberespaço, optamos por analisar os veiculados pelo *microblog* Twitter. Pois, além de oferecer subsídios enunciativos para a constituição do gênero, há significativo número de exemplares desse, que é um, como já mencionado, gênero relativamente recente, com criações e postagens que chegam a ser diárias. O Twitter, também, tem sido espaço de concursos de nanocontos, esses na Espanha e em países hispano-americanos, como a Argentina, e saraus no Brasil.

Como procedimento principal, buscamos identificar traços que caracterizem a realização de propósitos comunicativos na relação interativa escritor-leitor, bem como na estrutura “hipercurta” de produção textual delimitada pelo Twitter, hoje de até 280 caracteres. Caracterizada pelos traços marcantes de intertextualidade e elipse. Ao se tratar de um gênero “novo” e, consecutivamente, com poucas, senão ausentes pesquisas a ele dedicadas, as observações têm caráter preliminar, o que esboça um cenário no qual possam figurar pesquisas de maior expressão quanto ao tema em questão.

5. Alguns nanocontos em análise

Ao lermos os primeiros nanocontos, deparamo-nos com uma quebra de expectativa estética, pois sua estrutura narrativa é bem diferente das dos contos e minicontos aos quais estamos habituados, não tão diferente da dos microcontos, que desde há muito existem em suportes que fazem uso da impressão, como apresentamos anteriormente. De pronto, a partir de sua dimensão gráfica, há de se questionar o seu valor: sequência narrativa, espaço, quantidade de personagens, enredo, tempo, a clássica estrutura narrativa. Em muitos notamos a presença apenas de um narrador, em tantos outros, um narrador que se refere a uma outra personagem, como podemos notar neste nanoconto de Nide Oliveira:





ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

Figura – SarauLetras365. Disponível em:
<https://twitter.com/NiDeOliveira71/status/79692314162905088>.
Acesso em: 20 de jan. 2020.

É possível notar que a participação do leitor se torna indispensável, pois a "elipticidade" é uma das principais características desse gênero, o que impele o leitor a completar as "lacunas", intencionalmente deixadas/criadas pelo escritor, a bem de que o seu interlocutor possa completá-las com a sua participação criativa. Interessante notar que o leitor pode se surpreender com o desfecho da narrativa, pois pode-se esperar que a personagem, que está em prisão, voe para um lugar distante. O mesmo pode ser percebido no nanoconto que segue, de Marcelino Freire:



Figura 2: Conto nanico153 de Marcelino Freire. Disponível em https://twitter.com/search?q=%C3%A9%2C%20seu%20pai%20me%20contou%20o%20que%20aconteceu%20entre%20voc%C3%AAs&src=recent_search_click. Acesso em: 20 de jan. 2020.

Freire consegue, em poucos caracteres, apresentar uma grande reviravolta no desfecho da narrativa. A revelação da homossexualidade do filho já seria um conflito, no mínimo, intrigante a ser apresentado em uma narrativa tão "mínima", mas o autor vai além das expectativas, ao adicionar à história um claro caso de incesto. A esses mesmos nanocontos, apresentamos outro ponto interessante, ambos foram retuitados, ou seja, tuiteiros compartilharam com seus seguidores o que leram, de modo a propagar o texto de forma que não se dá para mensurar, e isso reforça o que foi apresentado antes, quando falávamos da interatividade promovida por um texto em um *microblog*. Pois bem, um escritor de nanoconto é convidado a pensar, no processo enunciativo de seu texto, na interação promovida por ele, que, além de retuitado, pode ser comentado pelos leitores, e pode,



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

ainda, ser chamado para discutir a respeito de sua obra. Para esse, encontramos um comentário em que Juliana Mendonça diz estar “CHOCADA! :o”:



Figura 3:Conto nanico153 de Marcelino Freire. Disponível em: https://twitter.com/search?q=%C3%A9%2C%20seu%20pai%20me%20contou%20o%20que%20aconteceu%20entre%20voc%C3%AAs&src=recent_click. Acesso em: 20 de jan. 2020.

Percebemos, ainda, o uso deste sinal, “o:”, muito utilizado para representar, o *emoji* de espanto/surpresa.

A interação do leitor pode ser manifestada de várias formas. Vejamos a forma como um dos leitores de Edson Rossatto preferiu manifestar a sua participação a partir das leituras dos nanocontos do autor, em “Cem Toques Cravados”, conta criada pelo autor com a intenção de, durante os anos de 2010 e 2011, criar e publicar um nanoconto por dia, com exatos 100 caracteres, motivo pelo qual focamos nossa análise no período temporal de produção dos textos. Observemos:



Figura 4: 100 Toques Resposta. Disponível em: https://twitter.com/Toques_Resposta. Acesso em: 20 de jan. 2020.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

O leitor criou uma conta, “100Toques Resposta” para, como ele mesmo destacou, “@Cemtoques publica um nanoconto diário com cem toques cravados. Eu responderei também em cem toques.”, mensagem que tem exatos 100 caracteres (como caractere, considera-se qualquer letra, símbolo, espaço, número ou ponto). E passa a responder os nanocontos publicados, em cem toques, em forma de continuação da narrativa, através de nanocontos escritos em cem caracteres, como podemos observar em:



Figura 5: 100 Toques Resposta. Disponível em: https://twitter.com/Toques_Resposta. Acesso em: 20 de jan. 2020.

E, na parte superior da tela, nota-se que já há 18 seguidores do @100Toques Resposta, leitores que têm contato imediato com as respostas apresentadas aos nanocontos de Rossatto.

A intertextualidade é traço recorrente em nanocontos. E, com grande evidência, entre obras literárias, como é possível observar em nanocontos do concurso *Twitteratura 2006*, organizado através do Twitter, na 43^a. *Feria Internacional del Libro de Buenos Aires, em homenagem a Miguel de Cervantes e William Shakespeare*:



Figura 6: Nanoconto de Mónica Altomari, ganhadora do Concurso Twitteratura 2006. Disponível em: https://twitter.com/hashtag/twitteratura400?src=hashtag_click. Acesso em: 23 de jan. 2020.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

A partir da temática lançada pelo concurso, que já sugere intertextualidade, vê-se que essa se configura na relação entre as obras literárias *Romeu e Julieta*, de *Shakespeare*, e *Dom Quixote*, de *Cervantes*: “...*agora Julieta não sabe quem é o jovem fidalgo que sobe a sua janela.*”, o que confere a possibilidade de ser tal “jovem fidalgo” a personagem Dom Quixote, que buscava por sua amada Dulcineia, e não Romeu. Quanto à ficcionalidade, essa é construída a partir do diálogo entre duas obras distintas, dando-se por meio de um acontecimento concreto, quando dois livros caem e têm suas páginas misturadas/mescladas.

O primeiro nanoconto, da reprodução da tela, também traz a intertextualidade como recurso constituinte do texto. A relação intertextual é feita com o microconto muito conhecido “El dinosaurio”, de Monterroso, “Cuando despertó, el dinosaurio todavía estaba allí”, (MONTERROSO, *apud* Delafosse, 2013, p. 73). Todavia, o fator de intertextualidade, tão somente, não seria o suficiente para diferenciar o nanoconto do microconto. Tem-se, portanto a intertextualidade somada ao objetivo de produzir um texto que contenha brevidade, narratividade e ficcionalidade dentro do limite imposto pelo Twitter, até 140 caracteres. Como demonstrado em Delafosse (2013), densidade e concisão capazes de levar o leitor ao complemento de sentido sugerido no texto. Mas tal concisão seria, em relação às características constitutivas do nanoconto, elemento de maior relevância, pois há microcontos ainda mais concisos que os de cem caracteres, como este que está no livro impresso “Cem toques cravados”, de Rossatto:

Micro-ondas

“Queimou, e minhas meias continuam molhadas.” (ROSSATTO, 2010).

Que passou a ser nanoconto, ao ter sido adaptado pelo autor para ser veiculado pelo Twitter, ao ser estruturado em cem caracteres, vejamos:



Figura 7: Nanoconto “Micro-ondas”, em *Cem Toques Cravados*. Disponível em: <https://twitter.com/edsonrossatto/status/180717637528064000>

Acesso em: 20 de jan. 2020.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

A concisão não deixou de existir, porém em menor expressão. O autor acrescenta mais informações, ao reduzir a intensidade do texto, e, de certo modo, o esforço do interlocutor, pois o que antes estava sugerido no título do texto, é oferecido em seu corpo. Também, deixa de ser em primeira pessoa e passa a ser um diálogo. Tais “mudanças” foram feitas para que o texto cumprisse as exigências postas pela conta Cem Toques Cravados, do Twitter. Constata-se, portanto que mesmo que um texto seja o “mesmo”, ao ser veiculado no ciberespaço, passa a ter novos propósitos comunicativos, transformando-se em outro gênero, nesse caso, em nanoconto.

Considerações finais

Neste instrumento de estudo, como até então apresentado, o objetivo foi apresentar um outro olhar sobre um gênero que tem recebido várias classificações, algumas até relevantes, quando em suporte impresso. Mas, ao considerar sua veiculação no meio digital por sites, blogs e *microblogs*, buscamos, através dos conceitos de propósitos comunicativos e de suporte de gênero, bem como dos apresentados na teoria do microrrelato, delimitar as fronteiras existentes entre as micronarrativas microconto/microrrelato e nanoconto, a bem de que os mesmos recebam suas devidas identificações/classificações.

No concernente à complexidade envolvida em um estudo como esse, a priori, as pretensões deste estão em lançar olhares sobre uma maior reflexão a respeito das micronarrativas digitais.

Como tem sido comprovado, através de grande número de pesquisas, como as de Lévy (2014)⁶ e Castells (2017)⁷, o ciberespaço em concordância com práticas sociais tem,

⁶ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2014.

⁷ CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

significativamente, modificado a vida em sociedade. O meio digital tem promovido uma maior fluidez de propósitos comunicativos, de maneira a interferir nas constituições dos gêneros, de tal modo que os pesquisadores, tanto na área de análise de gênero quanto na literária, veem diante de si um vasto campo a ser explorado.

Quanto ao nanoconto, esse tem proporcionado tanto a escritores quanto a leitores experiências discursivas capazes de, literalmente, promover uma “ruptura no universo de expectativas” de ambos, não apenas em relação à estética, mas ao gênero como um todo. Pois diante desse, têm sido obrigados a repensar o que, ao longo da vida, têm apreendido acerca de gêneros de cunho narrativo. Enquanto estrutura, veem diante de si uma construção mínima capaz de manter narratividade e ficcionalidade, e de envolve-los ainda mais no processo interativo com o texto, o que os conduziria a sugerir e preencher lacunas, através de elipses e intertextualidades cada vez mais intensas. A rapidez com que o contato com o texto e a possibilidade de interação imediata com o autor, têm envolvido o leitor em situações discursivas não vivenciadas antes, em outros veículos e suportes. Tal situação tem promovido uma maior participação do leitor no processo enunciativo de um texto, tornando-se ele, também, autor, de modo que seja desfeita aquela tradicional imagem de um autor recluso, isolado e, muitas vezes, intocável e de um leitor apenas contemplativo. O recurso, podemos assim apresentar, de *Retwitter*, pode possibilitar, como visto nas análises deste artigo, essa “hiperinteratividade”. O fato de o *Twitter* poder ser acessado em várias plataformas, oferece a tela de um dispositivo eletrônico como suporte textual, o que promove uma, ainda mais rápida e dinâmica interação, o que possibilita o acesso dos usuários aos textos em quaisquer tempo e lugar.

Em suma, as ainda, poucas observações e reflexões aqui trazidas, pensamos, poderão ajudar a dirimir certos posicionamentos preconceituosos a respeito do uso da língua e, com destaque, da literatura nas redes sociais, em especial, por adolescentes e jovens. Pois é fato incontestável que esses têm uma vida nos meios digitais e nela interagem por intermédio de leitura e escrita cada vez mais dinâmica e fluida. E esse fato tem apresentado possibilidades e oportunidades de trabalho no ensino de língua e literatura. Ignorar tais possibilidades e oportunidades seria, no mínimo, descartar a premissa de que a língua e suas manifestações, inclua-se a literária, por seu caráter humanizador, se fazem no uso e que seu ensino deve acompanhar tal dinâmica.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

Referências

- BEZERRA, Benedito Gomes. Os propósitos comunicativos em gêneros introdutórios no ambiente virtual. In: Benedito Bezerra Gomes (Org.). **Leitura e escrita na interação virtual**. Recife: EDUPE, 2011, p. 123-144.
- BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros textuais em suporte digital: os gêneros do Orkut. In: Mário Medeiros (Orgs.). **Educação, linguagem e ciência: práticas de pesquisa**. Recife: EDUPE, 2009, p. 115-130.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- DELAFOSSÉ, Émilie. **Internet y el microrrelato español contemporáneo**. Letral, Granada, n. 11, p. 77, 2011. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/letral/issue/view/244>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- DEVITT, Amy. BASTIAN, Hearther. Algumas ideias para ensinar novos gêneros a partir de velhos gêneros. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; CAVALCANTI, Larissa de Pinho. **Gêneros na linguística e na literatura: Charles Bazerman, 10 anos de incentivo à pesquisa no Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE/Pipa Comunicação, 2015. p. 97-122.
- DIAS, A. V. M.; MORAIS, C. G.; PIMENTA, V. R.; SILVA, W. B.. Minicontos multimodais In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 81.
- JAUSS, Hans Robert. **A estética da Recepção: colocações gerais**. Tradução COSTA Lima, Luiz. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **La Literatura como Provocación**. Tradução de: Juan Godo Costa. Barcelona: Península, 1976.
- KASAMA, D.; ALMEIDA, G.M.B.; ZAVAGLIA, C.. A influência das novas tecnologias no léxico: processos de formação neológica no domínio da Nanociência e Nanotecnologia. In: **Debate Terminológico**, v. 4, p. 1-11, 2008.
- LAGMANOVICH, David. Nuestros microrrelatos: ayer, hoy, mañana. In: González Martínez, Henry (Ed.). **La minificción en el siglo XXI: aproximaciones teóricas**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2014.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5072>

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. DLCV: Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MESQUITA, Samir. Literatura pelo celular e pelo Twitter. Entrelinhas. São Paulo: TV Cultura, [15 de jun. 2009.] Programa de TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MY4kk8wBnGg&feature=player_embedde. Acesso em: 20 jan. 2020.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROSSATTO, Edson. **Cem toques cravados**. São Paulo: Andross, 2010.

SWALES, J. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge University Press, 1990.